

Ūgmūn Yaet Maxakani
Homā hāmhitap hā Āyuhuk xop te
hāmpakut
pax nūn Tikmū'un yōg apne tu ha
Tikmū'un te penāhā Āyuhuk xop tu pakut
yūmūg tuta nūpaha
tu mīmāti xeka kopa yāyxaptop tu
pakut
Oknāg Tikmū'un mīmāti xeka te
xaptop hōmā
Hata hōnhā hiya yāyxaptop ax ūg
mūāte
ok mīmāti xeka ūm pip ūg mū kopa
yāyxaptop xix mūyōg hāmkōināg ah apna
ah yāyxaptop hā
Hōnhā yā yāmīyxop mūn te yūmūg
pupix hu yūmūg kaokgāhā hu
hāmpakut mōkopnup
puyī apne apne ha tu nūn hok
yāmīyxop kutex xohi te xit
hāmpakut kumuk yāmīyxop tak yā
ka'ok xēēnāg yāmīyxop mūtix
Yāmīyxop yā ka'ok xēēnāg

Eu sou Isael Maxakali.
Antigamente, os brancos trouxeram
doenças para as aldeias dos
Tikmū'un, mas quando os antigos
conheceram as doenças, eles
fugiram
para dentro da mata grande e se
esconderam para
não adoecerem.
Eles se escondiam na mata
antigamente.
Mas hoje onde iremos nos
esconder?
Por acaso sobrou alguma mata
grande por aqui para nos
escondermos? Hoje não temos
mais espaço!
Não temos mais como nos esconder!
Hoje só temos mesmo os nossos
yāmīyxop para nos proteger e nos
fortalecer
e soprar a doença para longe.
Todos os yāmīyxop cantam para
varrer a doença ruim e impedir que
ela chegue nas nossas aldeias.
Os nossos pajés são muito fortes,
com os nossos yāmīyxop.
Os yāmīyxop são fortes de verdade!

Assim que foram informados sobre a nova pandemia em curso, os Tikmu'un (Maxakali) em Aldeia Verde, onde vive e trabalha Isael Maxakali, restringiram a saída dos indígenas e a entrada dos não indígenas na aldeia. Uma faixa pintada à mão foi instalada na fronteira do território com os dizeres: "Yāmīyxop yā ka'ok! Os yāmīyxop são fortes! Ninguém entra, ninguém sai". Yāmīyxop é como os Tikmu'un chamam uma miríade de povos-espíritos que de tempos em tempos visitam suas aldeias para cantar, dançar e comer com os homens e mulheres tikmu'un. Não há cura, entre eles, que não passe pelos cantos e festas dos yāmīyxop. As notícias dessa nova doença reavivaram antigos traumas do passado, quando foram quase totalmente dizimados após sucessivas epidemias de gripe, sarampo e varíola trazidas pelos brancos. A diferença, como nos conta Isael, é que naquele tempo ainda havia mata e os antepassados tinham para onde fugir e se esconder. Hoje, confinados em algumas das menores terras indígenas do país e sem condições de viverem da caça e da pesca como antigamente, sua única proteção são os yāmīyxop e o apoio que têm recebido de amigos e aliados para garantir que todos permaneçam na aldeia e tenham o que comer.

Nesta série de fotos, intitulada "Yāmīyxop yā ka'ok" (Os yāmīyxop são fortes), Isael registra os rituais que os pajés têm feito nas últimas semanas em Aldeia Verde para "soprar a doença para longe". Aqui, como em outros contextos da produção da arte indígena contemporânea, é

possível pensar as linguagens artísticas como meio de circulação de saberes e de práticas ancestrais, e ainda como veículo de divulgação das lutas dos povos indígenas, uma forma, portanto, de ativismo.